

AZEVEDO, Luiz Maurício. *A sociedade da cor*. Brasil, o país da igualdade racial? São Paulo: Editora da Cultura, 2022.

Uma obra ensaística que contenha, já em seu título, um agudo questionamento acerca de uma problemática latente no debate público atual desperta, antes mesmo que se adentre as primeiras páginas do livro, a ânsia por respostas, especialmente do autor que indaga. Na mesma medida em que essa espera se instaura, é inevitável o exercício mental do leitor de ensaiar, de largada, a sua própria resposta para a pergunta: Brasil, o país da igualdade racial? Dessa forma, parece não haver outro modo de começar a leitura do novo escrito do professor, editor e crítico literário Luiz Maurício Azevedo, senão buscando uma posição diante do impasse da construção do Brasil como nação face à hegemonia do racismo.

O autor não se furta a atender ao horizonte de expectativas gerado. Desde as primeiras palavras, o problema da divisão racial da sociedade brasileira é apresentado como uma realidade concreta do processo social que vivemos hoje e que tem suas raízes em nossa formação nacional. A ótica, por isso, é a da intervenção. Para Azevedo, a possibilidade de vislumbrarmos o país que queremos depende de um exame detalhado do que somos de fato como coletividade. Não obstante, o mito da democracia racial, incrustado em nosso modo de pensar e existir como nação, representa uma deletéria tentativa de apagamento dos conflitos étnico-raciais aqui existentes ao longo de nossa história. A consequência desse constructo é colocar em constante perigo a vida das pessoas negras.

Desta forma, a saída para uma sociedade mais justa, pautada pela igualdade entre brancos e negros, e não pela cor da pele, depende de uma árdua luta, composta por diferentes combates. O autor, nesse sentido, não vende respostas rápidas e imediatas — como, aliás, costuma ser o seu estilo de escrita e a sua estrutura dialética de reflexão. A proposta é disputar mais um desses *rounds* no enfrentamento ao racismo. Desde o seu lugar de intelectual negro, o que Luiz Maurício pretende é marcar uma posição no

campo do pensamento, justamente porque é a partir da proliferação de ideias racistas que se produzem os mais diversos ataques aos sujeitos negros, em todas as esferas da vida social. Por isso, a luta antirracista é constante e coletiva, de negros e não-negros. Ou se é a favor ou contra o racismo, não há meio termo.

A abordagem adotada em *A Sociedade da Cor* foge, no entanto, do argumento moral do racismo como um desvio de conduta e uma questão puramente individual. Em alinhamento com as correntes teóricas, especialmente as de orientação marxista, que discutem o problema desde uma perspectiva de totalidade, o racismo é apresentado aqui como um processo econômico e social que atravessa nossa história e define o modo como vivemos no Brasil — mais adiante na obra essa perspectiva vai sendo complexificada. O acontecimento histórico da escravidão é o ponto de partida — e não de chegada — para o argumento de Azevedo. As consequências dela se reatualizam e podem ser sentidas até o presente. O período escravista dá origem a um arcabouço jurídico-social elaborado com vistas a garantir o controle do corpo e da mente da população negra. Também decorre daí a dívida histórica que o grupo social branco se recusa a reconhecer em sua gigantesca dimensão.

Longe de amortizar o débito produzido ao longo de séculos, a branquitude continua a reagir violentamente quando os indivíduos negros acessam seus espaços antes tidos como seguros e intocáveis. Assim, negras e negros são convertidos em responsáveis por qualquer infortúnio que retire os brancos do seu lugar de estabilidade e salvaguarda. Sempre haverá um branco ofendido, assim como sempre haverá um negro para ser culpabilizado. Azevedo tenta destrinchar esse quadro dimensionando os seus efeitos na sociabilidade de brancos e negros. A referência para isso é a única rebelião de escravizados vitoriosa que se tem registro na história, a Revolução Haitiana, de 1791. Para a elite branca, o medo de uma insurreição negra, a exemplo daquela liderada por Toussaint L'Ouverture, representa a possibilidade de vivenciar o terror causado pelos seus próprios métodos de submissão, impostos aos escravizados.

Por outra parte, o temor dos brancos se confunde com a possibilidade de empoderamento dos negros, que podem encontrar, por exemplo, na criminalidade a via para finalmente acessarem o tão essencial respeito, na ideia de que este é sinônimo de ser temido. É porque o caminho da conformidade com as regras do jogo já não faz sentido para o indivíduo negro à medida que ele sempre será considerado culpado. Para

nós, negros, essa possibilidade de afirmar-se por meio da transgressão é um engodo. O fiel da balança desse embate é, na perspectiva do autor, as mulheres negras, especialmente aquelas que são mães. Azevedo afirma que são as mães negras as responsáveis por desfazer essa armadilha, justamente porque elas tomam para si a tarefa de vislumbrar perspectivas de futuro para as suas crianças negras. O autor enfatiza, contudo, que não se trata de uma idealização da figura dessas mulheres, que são, no fim, responsabilizadas por uma série de obrigações que não lhes cabem exclusivamente.

Ante o cenário colocado todos os dias, há séculos, para os sujeitos negros no Brasil, Luiz Maurício Azevedo refere um estado de exaustão. A necessidade de se autoafirmar cotidianamente como ser humano frente a uma estrutura cultural, social e política que nos desumaniza representa um pesado fardo para a comunidade negra. Essa é uma experiência compartilhada por negras e negros, independentemente da faixa etária, da profissão ou da identidade de gênero, à qual o autor dá vazão como uma das formas de resistir ao racismo. É no rap dos Racionais MC's, com sua mensagem pedagógica e dolorosa sobre a condição de ser negro nesse país, que Azevedo encontra o fundamento para elaborar a complexidade dessa vivência. “Diário de um detento”, para além da narração do atroz Massacre do Carandiru, ocorrido em São Paulo, em 1992, traz à tona a condição do negro como um detento em uma sociedade que criou e alimenta o tempo todo mecanismos de aprisionamento e humilhação. A luta é para que contrariemos o destino que nos é imposto: “nascer para servir, morrer para não atrapalhar” (AZEVEDO, 2022, p. 65).

Nesses termos, o autor convida a todos para que saíamos da fase dos diagnósticos. O momento é de aplicação dos remédios. No entanto, a engenhosidade da branquitude racista, a cada momento, reúne novas formas de expiar sua responsabilidade: a bola da vez é o emprego distorcido do conceito de “Racismo Estrutural”, trazido ao nosso convívio pelo professor, jurista e filósofo Silvio Almeida. Se o racismo está na estrutura, ninguém pode ser responsabilizado pelas práticas racistas que se perpetuam no dia a dia das pessoas negras, eles dizem e fingem que acreditam. As empresas, por exemplo, se utilizam desse salvo-conduto para pouco alterarem a mentalidade por trás de suas atividades. O reconhecimento do racismo e a tentativa de transformação da sociedade ainda é um espetáculo, sustentado pela farsa da representatividade, que só coloca pessoas negras em poucas posições de destaque, sem

que, de fato, se desbanque a estrutura econômica e a mentalidade racial que as subjuga, tornando-as nada mais do que aliadas da violência que sofrem.

Dessa forma, para que se apliquem os remédios, cabe reconhecer também os contrapontos que a comunidade negra apresenta em sua resistência. Luiz Maurício Azevedo exorta a que não permaneçamos inertes à espera de um salvador, bem como não nos furtemos a apontar os absurdos da história do negro no Brasil. Como o crítico literário arguto que é, o autor observa na arte uma das principais formas de construir um novo significado para as situações cotidianas de opressão sofridas por negras e negros. A fim de comprovar sua proposição, o autor analisa poemas da escritora porto-alegrense Fernanda Bastos, em que constata uma elaboração da linguagem capaz de resistir ao processo de reificação da pauta antirracista levado a cabo pela classe dominante. Na leitura do crítico, a poeta faz esse movimento sem perder de vista as suas aspirações estéticas, conjugando-as com a necessidade latente em nossa contemporaneidade de falar sobre a negritude e, especialmente, sobre a condição de mulher negra nesta sociedade da cor.

Ainda na perspectiva de legitimar as instâncias de oposição ao pensamento racista, o autor de *A Sociedade da Cor* destaca sua própria atuação como docente na educação básica e no ensino superior ao longo dos últimos dezesseis anos. O professor começa relatando sua dificuldade em tratar da questão racial em sala de aula por conta da pressão das famílias, que sempre resistiram ao tema, como se fosse uma pauta menos importante do que aqueles conteúdos reconhecidos como tradicionais da disciplina de Língua Portuguesa. Mesmo com os obstáculos, a docência significa para Azevedo uma esperança de construção do futuro. Da mesma forma, é com otimismo que o crítico atenta para a quantidade significativa de intelectuais negras e negros que se formaram a partir da árdua luta dos movimentos sociais pela garantia do direito à educação. É esse conjunto de pessoas que vem produzindo uma rica produção científica.

Esse porvir esperançoso depende, porém, de uma transformação radical tanto do ordenamento jurídico quanto do arranjo cultural do país. E essa constatação é mais ou menos conhecida por todos. O problema é que a necessidade de mudança desperta também medo e muitas dúvidas quanto aos futuros possíveis diante de uma nova estrutura social. Aquilo que é conhecido como verdade, como traços culturais arraigados em nossa forma de existir, perdeu completamente o sentido. Diante disso,

Azevedo destaca a emergência do “antirracista temporal” (AZEVEDO, 2022, p. 84). Nessa categoria, que pode abarcar brancos e negros, estão aqueles que observam o racismo como uma mera distorção cujo fim está próximo. Alguns marcadores temporais, que constantemente apenas se repetem, são convertidos em prenúncios de um novo tempo livre do racismo que se avizinha.

Um dos exemplos de antirracismo temporal está no campo da literatura, mais especificamente na produção e publicação de literatura de autoria negra, que o autor classifica como “*boom* editorial” (AZEVEDO, 2022, p. 84). A cada nova obra publicada, celebra-se mais um passo no nascimento de uma nova literatura que finalmente possibilite a tomada da palavra pelos negros. No entanto, reside aí uma armadilha que tende a desfazer-se de um grupo de autoras e autores, como Maria Firmina dos Reis, Cruz e Sousa e Lima Barreto. Ao contrário de celebrar a perplexidade dos brancos em relação aos seus próprios malfeitos, é preciso, antes de tudo, reconhecer a herança deixada por seus antepassados, porque é ela que mantém esse estado de coisas.

Mesmo com o tom categórico de suas afirmações, Luiz Maurício Azevedo encerra a sua reflexão reenfatizando mais diretamente quem são os seus interlocutores. Nesse sentido, afirma que o livro é um convite para aqueles e aquelas que desejam saber mais sobre a questão racial no Brasil e que reconhecem a necessidade de que esse país se torne mais justo para todas as pessoas. Para o leitor mais entranhado nas questões próprias ao tema e próximos à perspectiva que orienta a reflexão do autor, ficam latentes também os sutis, mas perspicazes, acenos à radicalidade implicada nesse processo de transformação da sociedade brasileira. No fundo, Azevedo aponta para um imperativo irreversível de avançar-se o sinal da conciliação e das soluções cosméticas oferecidas pela estrutura do capital.

Em tom de conversa, o autor propõe, como fechamento, que se celebre a vida de cada pessoa negra, mesmo daquelas que não estiveram presentes em momentos históricos ou que protagonizaram grandes feitos. Cada vida negra que se mantém, em detrimento de todo o aparato construído para aniquilá-la, é a prova de que o Brasil é um país de cor negra. Essas pessoas constroem uma herança profunda e intransferível, já que todo sujeito negro foi formado por outros, que moldaram a sua existência. Foi isso o que Luiz Maurício Azevedo tentou fazer: dispôs ao longo de toda a obra um acervo de memórias que o constituíram como o sujeito negro que é. Desta forma, Luiz

Maurício Azevedo entremeia firmes sínteses a respeito de nossa condição como negros nesta sociedade da cor com episódios que marcaram a sua trajetória desde a infância, bem como com exemplos da área de Letras, na qual o autor é especialista. Estes são, por sinal, os momentos em que a reflexão aparece mais bem amarrada. A tentativa é de instaurar naturalidade na apresentação do problema, efeito que realmente é alcançado.

Como obra introdutória, há a preocupação em estabelecer marcos fundamentais do debate racial, bem como oferecer ao leitor o máximo de elementos possíveis para que possa acompanhar a leitura e, se assim o desejar, buscar por seus próprios meios o aprofundar-se. Por isso, os quadros explicativos, com expressões e indicações ao longo do texto, e a seção final “Saber mais” cumprem um papel importante, principalmente considerando-se a gama de pressupostos subjacentes ao texto de Luiz Maurício Azevedo — esse que é outro traço marcante em suas produções —, com os quais dialoga e que tensiona com grande destreza. É bem sucedido o gesto do autor de tornar palpável para seus leitores e suas leitoras tudo aquilo que enuncia a respeito da situação do conflito racial existente no Brasil. Nessa teia, o leitor encontra ainda uma refinada ironia, que encapsula uma leitura complexa e aprofundada da história brasileira. No livro, não se lançam propriamente novas teses sobre a realidade racial vivida no Brasil. O caráter autoral da obra reside justamente no modo como o escritor a apresenta. *A Sociedade da Cor* é um convite que dificilmente não será aceito por quem se dispuser a lê-lo.

Thiago Martins Rodrigues

Doutorando em Letras pela UFRGS

thiagomartinsr2@gmail.com